



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

ANTÔNIO HELDER DA SILVA MORAIS

FUTEBOL E SOCIEDADE
O papel das escolinhas de futebol no processo de inclusão social na cidade de Baturité

Redenção
2014



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

ANTÔNIO HELDER DA SILVA MORAIS

FUTEBOL E SOCIEDADE

O papel das escolinhas de futebol no processo de inclusão social na cidade de Baturité

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Prof. Orientador: Maurilio Machado Lima Junior

Redenção
2014

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL
Catalogação na fonte**

Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219

M818f Moraes, Antônio Helder da Silva.

Futebol e sociedade: o papel das escolinhas de futebol no processo de inclusão social na cidade de Baturité. / Antônio Helder da Silva. – Redenção, 2014.

48 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. Maurilio Machado Lima Junior.
Inclui Referências.

1. Futebol. 2. Futebol – Inclusão social. I. Título.

CDD 796.334

A minha mãe Maria Carmelina de Morais,
por me fazer existir e ser meu exemplo de
força, coragem e sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Na preparação e execução desse trabalho, muitos me ajudaram. Assim, gostaria de agradecer:

A Deus, por me manter forte nos momentos difíceis.

A UNILAB, por possibilitar a minha participação no curso.

Ao meu querido filho Vitor Hugo, pelos auxílios técnicos.

A minha namorada Suianne, pela paciência e dedicação.

Ao Professor Maurílio, pela orientação segura.

Aos Treinadores Aldenir e Hermano, as mães e aos pequenos atletas das escolinhas, pelas valiosas informações prestadas.

Aos amigos que conquistei ao longo do curso, Ana Clara, Kelly, Meirilane, Tamilton, Ivanilson, Clecio, Roziléia, Sabrina, Faina, Ana Cristina, Elenice, Marco, Jorge, Aminata, Honorata, Carlos Manoel, Vera...

“Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência.”

Karl Marx

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo principal investigar a importância das escolinhas de futebol no processo de inclusão social de crianças e adolescentes carentes no município de Baturité/CE. Para isso, foi feito um levantamento teórico sobre a caracterização da infância e da adolescência, bem como sobre o problema da inclusão social e dos conceitos voltados para a relação entre futebol e os processos de socialização. Em complemento a isso, foram pesquisadas escolinhas de futebol na periferia da cidade de Baturité. Foram colhidos depoimentos de atletas e profissionais responsáveis por sua organização e coordenação. Com a pesquisa, pretende-se confirmar a hipótese de que pela prática do futebol, mediante o fomento do espírito esportivo, é possível incrementar nos hábitos das crianças e adolescentes a predisposição para a cooperação, para o respeito pelo outro e para tomadas de iniciativas que aspirem o bem coletivo. Estas seriam qualidades essenciais para a formação de cidadãos, de sujeitos incluídos.

Palavras-Chave: 1. Inclusão Social 2. Futebol 3. Formação educacional 4. Jovens 5. Ceará

ANTÔNIO HELDER DA SILVA MORAIS

FUTEBOL E SOCIEDADE

O papel das escolinhas de futebol no processo de inclusão social na cidade de Baturité

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maurilio Machado Lima Junior
UNILAB

Prof. Dr. Leandro Proença-Lopes
UNILAB

Prof. Dr. Ramon Capelle
UNILAB

Redenção
2014

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. INCLUSÃO SOCIAL	13
1.1 Definição	13
1.2 Exclusão social.....	15
1.3. Inclusão social através do esporte.....	17
1.4 A Inclusão social através do futebol.....	20
1.5 O surgimento das escolinhas de futebol no Brasil	21
1.6 O papel social das escolinhas de futebol nas periferias de Baturité.	22
1.7 Futebol, educação e cidadania.	23
2. PROJETOS OU ESCOLINHAS DE FUTEBOL DE BATURITÉ.....	25
2.1 Histórico e/ou relato do “programa segundo tempo”.....	26
2.2 Histórico e/ou relato sobre o projeto:	
“escolinha de futebol de baturité, cidade da bola”	28
2.3. Avaliação sintética das entrevistas	30
CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36
ANEXO A	37
ANEXO B	40
ANEXO C	41
ANEXO D	42
ANEXO E	47
ANEXO F	49

INTRODUÇÃO

O esporte é um meio poderoso de unir pessoas, sobretudo nas modalidades coletivas. Ele requer dos praticantes que eles sejam capazes de atuar em conjunto, trabalhar em equipe, adotar um espírito solidário e conservar respeito pelo outro, inclusive o adversário. Portanto, a prática do futebol, um esporte coletivo, além de melhorar a saúde e amenizar os males causados pela sobrecarga de tarefas com as quais o homem moderno precisa lidar no dia-a-dia, pode ser considerada também um fator de peso na formação positiva de sujeitos sociais, o que, segundo nossa hipótese, contribui, em termos coletivos, para a diminuição das desigualdades e conflitos sociais. Podemos dizer que o futebol cria a possibilidade de reunião de pessoas de várias classes sociais, religiões, raças e, desse modo, estabelece as condições para o desenvolvimento de aspectos subjetivos decisivos para a constituição de uma sociedade de pessoas solidárias e autônomas. Supomos assim que o estímulo para jogo e o esporte gera condições para o respeito mútuo entre as pessoas e a construção de uma verdadeira coletividade.

Vivemos numa sociedade segmentada e excludente. Isto quer dizer que muitos não estão participando das atividades sociais como seus agentes. São esses considerados excluídos. Essa é uma das principais condições para a existência de discriminação social, que pode se dar por raça, classe econômica, opção sexual, aspecto físico, etc. Em geral, a exclusão está ligada à renda e ao poder de consumo. As pessoas de baixo poder aquisitivo têm sido historicamente as que mais enfrentam dificuldades no acesso à cidadania e ao direito de serem agentes sociais.

Desse modo, julgamos que o futebol pode surgir como um importante aliado para a concretização de processos de inclusão social. O futebol é uma atividade com uma capacidade muito grande de englobar diferenças. No campo de futebol, as diferenças raciais e de renda não são determinantes para o sucesso ou insucesso do jogo. A cooperação, a aplicação, a habilidade, o espírito de equipe é que são decisivos. Assim, além de um agente socializador, o futebol pode

ser considerado, dentro dos processos educacionais, como agente que auxilia os indivíduos a desenvolverem competências éticas, morais e políticas.

O futebol é extremamente popular em quase todo o mundo. Ele é praticado em praticamente todos os países, seja de forma profissional ou amadora. A popularização do futebol provavelmente se deveu à forma simples pela qual é praticado. Ele não exige dos que jogam nenhum material sofisticado. São necessárias apenas as traves, uma área demarcada (preferencialmente plana) e, principalmente, uma bola. Dessa forma o futebol é praticado por crianças, jovens, adultos e idosos.

Ao longo dos anos, pôde-se perceber que o futebol, além de prática esportiva, conseguiu também incorporar aspectos educativos e de bem-estar social. O esporte não é mais apenas um exercício físico-motor que envolve uma competição entre equipes, mas, quando bem utilizado, pode se tornar também uma ferramenta para inclusão ou transformação social.

Diante do exposto, e acreditando no quanto o futebol pode trazer de contribuição para que a formação de sujeitos sociais solidários e autônomos, esse estudo objetiva verificar se o futebol pode realmente servir como meio de inclusão social, fazendo com que crianças e adolescentes, ao dedicarem o seu tempo para praticar essa modalidade esportiva, também sejam capazes de se formar como sujeitos-cidadãos. Isso no contexto da situação social brasileira, e mais especificamente em uma região em particular: a cidade de Baturité, localizada na microrregião do Maciço do Baturité, no Ceará.

1. INCLUSÃO SOCIAL

1.1. Definição

Inclusão social é o procedimento de trazer aquele que é excluído socialmente, por algum motivo, para uma coletividade social, na qual ele tem condições de participar de seu andamento e destino.

Então, evitando algumas concepções restritivas, a inclusão social não diz respeito somente a pessoas portadoras de necessidades especiais - como as portadoras de deficiência física e mental. Do processo de integração social, podem e devem participar todos que de alguma forma são excluídos socialmente, todos que não possuem as condições de se tornarem agentes sociais ou cidadãos. Entendendo cidadão como o sujeito que vive em sociedade, baseado em direitos e deveres, de acordo com a constituição de uma nação.

Segundo Sergei Soares, em seu texto *A Trajetória da Desigualdade: A Evolução da Renda Relativa dos Negros no Brasil*, que está no livro *As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição*, organizado por Mário Theodoro, os mais afetados por esse processo de exclusão social são negros e pobres ou negros em estado de extrema pobreza, seguidos por crianças, idosos, mulheres e homossexuais.

As discussões sobre inclusão social vêm ganhando espaço nos últimos anos em muitos debates sociais. Muito se fala sobre o assunto nos últimos tempos. Ao problema da inclusão social são conferidos muitos conceitos e muito se discute sobre as possibilidades de sua realização, haja vista, os sistemas de cotas para negros ou pardos e para estudantes de escolas públicas, as leis que destinam percentuais de vagas em concursos públicos para portadores de deficiência, programas para jovens aprendizes em empresas privadas, etc.

Enfim, para definir inclusão social, inicialmente é necessário conceituar o termo “incluir”. Baseado no dicionário, incluir quer dizer: estar incluído ou compreendido, fazer parte

(HOLANDA, 1993. p.175). Porém, esse significado do termo incluir, no nosso caso, se mostra insuficiente diante da complexidade da situação que o conceito deve abranger.

Romeu Sasaki (1997) em seu trabalho *“Inclusão: construindo uma sociedade para todos”*, acredita que a inclusão social é a forma pela qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, essas também se preparam para assumir seus papéis na sociedade. De acordo com o autor é necessária uma grande mudança social, devendo a sociedade atender às necessidades de seus membros, vendo esses como parceiros de discussão na tentativa de solucionar problemas de todos.

Assim, Sasaki (1997, p. 41) diz que a:

[...] inclusão social é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas [...] e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidade para todos.

Portanto, ainda tomando por base Sasaki, podemos observar que a sociedade em que vivemos deve se desenvolver, para então poder incluir as pessoas excluídas, verificando o dever de se respeitar todos como cidadãos, seres humanos, possuidores de direitos e deveres. Sobretudo, possuidores de direitos sociais e humanos garantidos por lei, direitos que são:

[...] fundamentais a todas as pessoas, sejam elas mulheres, negros, homossexuais, índios, idosos, portadores de deficiência, populações de fronteiras, estrangeiros migrantes, refugiados, portadores de HIV positivo, crianças e adolescentes, policiais, presos, despossuídos, e os que têm acesso à riqueza. Todos, enquanto pessoas, devem ser 28 respeitados, e sua integridade física protegida e assegurada (BRASIL, 1998a, p.61).¹

Romeu Kazumi Sasaki, graduado em Serviço Social, consultor de educação profissional inclusiva para a Secretaria de Educação do Paraná e a Fundação da Criança, do Adolescente e da Integração do Deficiente da Secretaria Especial da Solidariedade Humana, do Governo de Goiás.

Dessa forma, observamos, no Brasil, o surgimento ou criação de estatutos ou leis direcionadas para garantir a inclusão social, tanto para populações mais pobres, negros, refugiados e outros segmentos considerados de risco. Tais leis pressupõem direitos e deveres a serem seguidos de forma a respeitar a dignidade dessas populações ou segmentos sociais. Assim, a discussão sobre inclusão social, deixa clara a importância que este tema representa na atualidade. A discussão não está encerrada, haja vista existirem teorias que buscam explicar e refletir sobre esse fenômeno. No entanto, podemos afirmar que a inclusão social pode e deve ter perspectiva de solução, mas esta solução baseia-se em políticas públicas sociais, via esfera pública.

1.2. Exclusão social

O termo exclusão social, de acordo com o sociólogo francês Robert Castel (1990) é o ponto máximo atingível no decurso da marginalização, sendo este, um processo no qual o indivíduo vai se afastando da sociedade através de rupturas consecutivas.

Assim, exclusão social está direcionada ao sistema social, isto é, diz respeito a atitudes das esferas governamentais, desde a federal, passando pela estadual, chegando a municipal. Ela está relacionada a questões econômicas e demanda políticas públicas condizentes com a realidade social. Assim sendo, percebe-se que a exclusão social está em todos os setores da nação e afeta, direta ou indiretamente a população como um todo.

A exclusão moderna é um problema social porque abrange a todos: a uns porque os priva do básico para viver com dignidade, como cidadãos; outros porque lhes impõe o terror da incerteza quanto ao próprio destino e ao destino dos filhos e dos próximos. A verdadeira exclusão está na desumanização própria da sociedade contemporânea, que ou nos torna panfletários na mentalidade ou nos torna indiferentes em relação aos seus indícios visíveis no sorriso pálido dos que não têm um teto, não têm trabalho e sobre tudo, não têm esperança (MARTINS, 2002. p.21)

Cristovão Buarque, senador e ex-governador do distrito federal brasileiro, afirma, em seu livro *O que é apartação: O apartheid social no Brasil*, de 1993, que exclusão é um processo de apartação social, no qual referimo-nos ao outro como um ser à parte, isto é, uma maneira de separar o outro; e não somente como desigual, mas como não sendo um ser semelhante. Assim, a exclusão é a expulsão de cidadãos dos meios de consumo, dos bens, dos serviços, ou seja, é a retirada do gênero humano, configurando-se como uma forma inexplicável de intolerância social.

Para Martine Xiberras (1993), excluídos são todos os seres humanos que não participam dos mercados de bens materiais ou culturais. Para ela, a exclusão é estar à margem e sem possibilidade de participação de alguns aspectos ou da vida social como um todo.

Segundo Delfim Neto (ex-ministro da economia), em entrevista ao jornal FOLHA DE SÃO PAULO, o processo de exclusão é dividido por grupos sociais, minorias étnicas, religiões, culturas, gênero, opção sexual, idade, aparência física, categoria profissional, nível educacional, etc. Estas categorias interagem, mas na tentativa de ordenação das mesmas, fica clara a presença de grupos de pessoas participando, ao mesmo tempo, de várias categorias de exclusão: “de modo geral os pobres”.

Baseado no exposto, podemos compreender que o diagnóstico da existência de exclusão social é o que determina a necessidade de ações voltadas para a inclusão social. São ambos os conceitos complementares que geram grandes preocupações da nossa sociedade na atualidade. As questões que surgem são: como lidar com esses conceitos? O que fazer? Como superar situações de exclusão social? Como promover a inclusão social? A prática organizada e formal de esporte pode contribuir para a superação da exclusão e promoção da inclusão social? Por que se aposta em projetos sociais envolvendo esporte, especialmente o futebol?

1.3. Inclusão social através do esporte

No estatuto da criança e do adolescente, em seu Capítulo II – “Do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade”, o Art. 16 prevê que o direito à liberdade compreende brincar, praticar esportes e divertir-se, adotando o princípio da inclusão e não devendo haver qualquer tipo de discriminação, garantindo assim a igualdade nas práticas lúdicas e esportivas. Nesse sentido, o modo com que o esporte é oferecido, deve ser considerado seriamente para que não seja permitida, nas atividades esportivas, nenhuma forma de exclusão. Então, fica claro no contexto do estatuto, o princípio da inclusão. Segundo ele, não deverá haver qualquer tipo de discriminação, garantindo assim a igualdade de condições para a prática esportiva.

Estudos feitos pelo Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos, da Faculdade de Educação Física e Ciência dos Desportos da Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com crianças e jovens de baixa renda, demonstraram que elas, em sua grande maioria, não possuem recursos financeiros para a prática e desenvolvimento de habilidades esportivas em entidades desportivas particulares. E isso já seria um problema em termos de inclusão no meio social.

Dessa forma, considerando essas carências de recursos financeiros, alguns projetos estão sendo pensados e executados por pessoas ligadas ao futebol, como é o caso dos projetos Fundação Gol de Letras, dos ex-jogadores Raí e Leonardo, o Instituto Bola Pra Frente, de Jorginho e Bebeto, e a Fundação Cafu, de Cafu. São projetos encabeçados por grandes ídolos do futebol brasileiro, que ao emprestarem seu nome prestigiado às iniciativas, além de realizarem marketing pessoal, também visam possibilidades de desenvolvimento humano entre populações de baixo poder aquisitivo.

O papel que crianças e adolescentes desempenham ou virão a desempenhar socialmente, bem como o desenvolvimento de suas características pessoais, decorrem do contexto social em que foram formadas. Ele depende assim do atendimento de suas necessidades de

desenvolvimento e educação. Assim, vendo que a falta de recursos limita o desencadear ou o desenvolvimento das habilidades e dos potenciais de crianças e jovens, os projetos sociais, que são gratuitos para os seus beneficiários, se tornam essenciais para a formação educacional em áreas carentes. Nos projetos sociais que promovem a educação pelo esporte, se supõe em geral que o desenvolvimento de habilidades esportivas são fundamentais para o desenvolvimento de outros tipos de competências, como discernimento moral e espírito solidário. Assim, a experiência do esporte levaria à aquisição de conhecimentos ou competências que fazem com que crianças e jovens aprendam a conviver em um meio social permeado de diferenças e as prepara para enfrentar e contornar as dificuldades sociais, assim como encarar de forma serena as conquistas. Enfim, o esporte prepara os jovens para a vida.

Portanto, as habilidades adquiridas e desenvolvidas através da prática esportiva vão desde as dimensões físicas até as emocionais, cognitivas, sociais, morais, éticas e espirituais.

De forma mais abrangente, o que se nota nas ruas e nas periferias da maioria das cidades brasileiras é que boa parte de nossos jovens convivem diariamente com um modelo de sociedade que está ainda muito aquém daquele que todos almejam e reivindicam dos governantes, que é uma sociedade mais justa. As camadas mais pobres convivem com o abandono e a falta de perspectivas. As prerrogativas básicas para os seus membros se tornarem cidadãos, que são o respeito à pessoa humana e aos seus direitos previstos na Constituição Federal e no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, colocando-os dessa forma à margem do processo social e produtivo, formando assim uma legião de pessoas com uma perspectiva amarga de futuro.

De acordo com Jefferson Prado Sifuentes , a Lei 11.438, de 29 de dezembro de 2006, alterada pela Lei 11.472, de 2 de maio de 2007, dispõe que, até o ano de 2015, poderão ser deduzidos do imposto de renda devido por pessoas físicas, e por pessoas jurídicas tributadas com base no lucro real, os valores despendidos a título de patrocínio ou doação, no apoio direto

a projetos sociais desportivos e paradesportivos previamente aprovados pelo Ministério do Esporte. Assim, a pessoa jurídica poderá descontar 1% e a pessoa física até 6% do valor devido no Imposto de Renda (art. 1º, §1º, incisos I e II da Lei 11.472/2007) para investimento em programas sociais. As entidades interessadas em receber o incentivo passarão por uma avaliação de uma comissão vinculada ao Ministério do Esporte e após serem devidamente aprovadas estarão disponíveis para receber o benefício, que pode ser feito sob a forma de patrocínio ou doação. Além de aprovação prévia do Ministério do Esporte, é importante frisar que os projetos deverão promover a inclusão social por meio do esporte, preferencialmente em comunidades de vulnerabilidade social.

Com o incentivo, espera-se que o esporte, assim como a qualidade de vida dos moradores das comunidades carentes diretamente envolvidas evoluam para melhor. O pressuposto é que uma criança que pratica esporte regularmente cresce com mais saúde, relaciona-se melhor com a sociedade e tem um rendimento melhor na escola (ela tem maior disposição para estudar e maior facilidade para relacionar-se com pessoas do ambiente escolar). Conseqüentemente se afastam do mundo do crime e das drogas. O somatório destas características proporciona a formação de um cidadão solidário e autônomo.

1.4. A Inclusão social através do futebol

Com base nas conclusões sobre inclusão social, acreditamos que esse processo inclusivo pode ser trabalhado de vários aspectos e envolvendo diversos setores da sociedade. O futebol é um desses meios. O futebol pode ser um meio importante de socialização por conseguir promover valores como coletivismo e solidariedade, que são relevantes para vencer as

dificuldades da pobreza. Assim, o esporte é uma maneira de aprender a lidar com a agressividade e a violência, uma vez que propõe a competição pelo jogo. O futebol ensina a perder e a superar a perda, a respeitar a vitória do outro e a lidar com situações adversas.

Para Sidney Barbosa da Silva, do Blog *campeoesdofutebol*, o reconhecimento do esporte como canal de socialização positiva ou inclusão social, é revelado pelo crescente número de projetos esportivos destinados aos jovens das classes populares, financiados ou não por instituições governamentais e privadas.

Exemplos de iniciativas de projetos sociais bem sucedidos são os desenvolvidos pelos ex-jogadores de futebol Dunga e Romário. “O capitão Dunga” (como ficou conhecido), por exemplo, criou na cidade de Porto Alegre (RS) o "Instituto Dunga de Desenvolvimento do Cidadão", que fomenta projetos e ações que utilizam o esporte, ou seja, o futebol como um instrumento para transformação e inclusão social e conta com a ajuda do também tetracampeão mundial, o ex-goleiro Taffarel. Já Romário, formalizou o "Instituto Romarinho", também com o interesse e foco na inclusão social pelo esporte (MARQUES, 2006 p.18).

São projetos como os citados acima que fazem com que uma quantidade muito grande de crianças e jovens, principalmente das periferias brasileiras, pensem em se tornar jogadores de futebol e jogar em clubes profissionais dos seus estados, do país e até mesmo de outras nações. A isso está aliado o amor incondicional pelo futebol e a possibilidade de crescimento e ascensão financeira, dado que a grande maioria dos participantes das escolinhas é de origem pobre e vislumbra melhoria de vida para si e seus familiares. Assim, a procura pelo futebol por jovens das classes de baixa renda, como um meio de crescimento ou elevação social, especialmente por aqueles que são moradores de localidades mais violentas, pode representar uma forma de auto realização e de superação da condição de não ter direitos de plena cidadania. Mas, é claro, isto está aliado ao interesse premente de enriquecimento financeiro, que, para muitos desses jovens, é visto como fator, e muitas vezes o único, de se chegar à cidadania e

consequentemente a inclusão social. Nesse caso, se sentir incluído socialmente significa, antes de qualquer coisa, estar incluído na classe daqueles que possuem poder para consumir.

1.5. O surgimento das escolinhas de futebol no Brasil

As escolinhas de futebol foram copiadas da Europa e tiveram um desenvolvimento bastante considerável no século XX. Estão espalhadas em todos os cantos do Brasil, sejam em áreas periféricas ou em locais de classe média ou alta.

Segundo Fensterseifer (1993, p.20), um dos motivos deste desenfreado surgimento e crescimento de escolinhas de futebol, deve-se ao fato que “os antigos campinhos de rua estarem desaparecendo devido a exploração imobiliária, conseqüência direta da urbanização das cidades e da vida cotidiana. Campinhos, parques, terrenos baldios têm a sua quantidade reduzida a cada momento...”. Portanto, os jogadores provenientes ou “descobertos” nesses lugares tornaram-se mais difíceis, e as escolinhas e categorias de base dos clubes passaram a ser necessárias e quase que obrigatórias como entrada no mundo do futebol.

Dessa forma, o futebol, que era praticado como simples divertimento, passou a ser encarado como possibilidade de profissionalização, tornando o Brasil um local de comércio lucrativo de jovens valores para quase todas as partes do planeta.

Nos últimos anos, a participação de atletas de destaque no cenário futebolístico nacional e internacional na criação de organizações dedicadas a ofertar atividades esportivas e culturais para crianças e jovens das camadas populares indica que esse tipo de atividade, tende a crescer e se profissionalizar. Todavia, a dedicação a tal tipo de atividade pode ser entendida ou justificada tanto a partir da responsabilidade social quanto da devolução, reciprocidade ou gratidão pelo apoio e pelos benefícios recebidos pelo atleta, que em geral vem de camadas sociais de baixa renda, ao longo de sua carreira, afirma Sidney Barbosa da Silva (Blog

futeboldecampeoes). Assim, é possível concluir que a criação de escolinhas de futebol por ex-jogadores é um exercício de cidadania, mas também uma forma de retribuição aos ganhos financeiros obtidos ao longo da carreira de atleta de futebol.

1.6. O papel social das escolinhas de futebol nas periferias de Baturité.

Além das questões financeiras, as escolinhas podem ser encaradas ou utilizadas como instrumento de proteção social, pois em muitos casos, pode distanciar crianças e jovens dos vários caminhos que levam as armadilhas nocivas das sociedades urbanas: drogas, violência, prostituição, trabalho infantil, analfabetismo... Daí vem a importância das instruções e orientações que são obtidas em algumas escolinhas de futebol, pois elas buscam mostrar aos pequenos atletas os caminhos perversos que existem ao seu entorno.

No presente estudo, fizemos uma pesquisa em algumas escolinhas de futebol na cidade Baturité, sendo possível à constatação de que muitas crianças e adolescentes sonham e lutam para conseguir o aprimoramento na prática do futebol e que para isso contam com treinadores que passam conhecimentos básicos. No entanto, dada à dificuldade na profissionalização via futebol, o papel dos treinadores é preponderante na orientação de escolha de outros caminhos ou profissões, principalmente os que são tomados pela via da escolarização. Uma vez esgotadas as possibilidades de seguir a carreira de atleta profissional, a criança ou adolescente deve ter um indicativo de que trajetória ou profissão seguirá. Daí a importância dos profissionais treinadores e das próprias escolinhas nesse processo de escolha.

Assim, sendo Baturité uma cidade de pequeno porte, tendo sua economia baseada principalmente na exploração do setor terciário da economia (comércio e prestação de serviços), assim como na agricultura familiar, as possibilidades de inserção no mercado de trabalho são bem reduzidas, causando sérios problemas sociais. Nesse sentido, os projetos ou

escolinhas de futebol, podem e devem auxiliar nessa conscientização e direcionamento para uma qualificação escolar e profissional para os setores que disponibilizam maiores oportunidades de trabalho e conseqüentemente, de melhoria de vida.

1.7. Futebol, educação e cidadania.

Considero que futebol não pode ficar de fora do contexto estudantil ou da sala de aula. No entanto, o pouco que se tem de envolvimento com o futebol no âmbito escolar está resumido às aulas da disciplina de educação física. Na realidade, é muito pouco, pois as dificuldades vivenciadas no futebol deveriam ser abordadas com mais ênfase, já que ele (futebol) é objeto de interesse de muitas crianças e jovens. Nesse sentido, a abordagem sobre o futebol deveria ser mais eficaz no propósito do esclarecimento sobre questões sociais, pois temos que levar em consideração que a pretensão pela carreira de jogador de futebol é quase uma unanimidade para crianças e adolescentes brasileiros, e que muitos desses pretendentes jamais chegarão à profissionalização no esporte. Então a escola deveria ser um mecanismo orientador das dificuldades existentes no meio futebolístico. Ela poderia fazer isso abordando o futebol e as questões sociais que giram em torno dele.

Uma pesquisa realizada por Toledo (1996.p.35) verificou que na faixa etária entre 15 e 17 anos, 62% de meninos possuem interesse pelo futebol. Entre 18 e 29 anos, 56%, entre 30 e 49 anos, 51% e de 50 anos em diante, 55%. Por grau de instrução, 50% daqueles que têm interesse possuem educação básica. Ensino médio, 57%. E entre aqueles que possuem grau de instrução superior, o interesse pelo futebol é de 55%. Pelos dados produzidos acima, observamos que é imenso o interesse por futebol, independente de cor, classe, idade, grau de instrução. Daí a necessidade de maiores esclarecimentos a respeito da prática do futebol na esfera escolar ou acadêmica.

Baseado nos dados acima e percebendo que não existe, por parte da educação formal, orientações e esclarecimentos sobre os aspectos sociais do futebol, é fácil entender porque surgem às escolinhas de futebol fazendo o papel inverso, tendo como finalidade orientar crianças e jovens na prática esportiva. Elas são motivadas pela premissa de que podem ajudar na conquista da cidadania, pois a grande maioria exige de seus alunos a comprovação de matrícula escolar e bom andamento no seu desempenho educacional. Assim, o treinamento em futebol está atrelado compulsoriamente à matrícula na rede de ensino e à formação escolar.

Segundo um artigo do Blog *campeoesdofutebol*, de Sidney Barbosa da Silva, na literatura envolvendo educação física, sociologia e em outras áreas, são apresentadas indicações dos benefícios proporcionados pela prática regular de esportes, sobretudo na formação moral ou da personalidade dos seus praticantes. No referido Blog é possível verificar artigos de Gylberto Freire, grande antropólogo e sociólogo brasileiro, tratando de futebol como fator que contribui para formação da identidade brasileira. Ele faz isso num dos seus textos que trata do negro no futebol brasileiro. Esse texto foi prefácio do livro de Mário Filho que virou um clássico da sociologia do futebol brasileiro. Nesse célebre prefácio, Gilberto Freyre constata como o futebol acabou se tornando, no Brasil, uma verdadeira instituição, aceita pelo governo, pela Igreja, pela imprensa e pela opinião pública, capaz de canalizar os impulsos irracionais do brasileiro. Sem o futebol, acreditava Gilberto Freyre, esses impulsos provavelmente buscariam canais mais violentos de expressão, brutalizando outras instituições que hoje são muito mais “dóceis”, como a capoeira, o samba e a malandragem.

Segundo Euler Alves Cardoso, em seu estudo “Escola de Futebol de Goiânia – GO: Qual sua verdadeira função?” (publicada na Revista Carioca de educação Física, nº 7, 2012), o futebol traduz a prática de atividades lúdicas, pois educa, socializa, desperta e desenvolve habilidades, possibilita o desenvolvimento do intelecto, aumento a auto-estima que cada um deve ter da própria força. Assim, a prática do futebol desenvolve a qualidade de vida, promove

a saúde, incentiva o trabalho em equipe, a solidariedade, a disciplina, sempre baseado no respeito. Além desse conjunto de benefícios, outros se somam, direta ou indiretamente, pois através da disciplina exigida nos ensinamentos, é visível a melhoria do rendimento escolar através dos reflexos na melhoria do comportamento em sala de aula e também junto à família, havendo a incorporação de valores considerados socialmente necessários e positivos.

Nesse sentido, o poder educativo vindo da atividade esportiva é canalizado para desenvolver e formar pessoas capazes de discernir e agir com base em princípios éticos e de forma cada vez mais independente, autônoma e com grande poder de transformação, pessoal e coletivamente.

2. PROJETOS OU ESCOLINHAS DE FUTEBOL DE BATURITÉ

Nesse capítulo apresentaremos a análise de uma série de 6 (seis) entrevistas realizadas no ano de 2014 com o propósito de se levantar dados mais concretos sobre a relação entre a participação em projetos sociais esportivos, a promoção da inclusão social e a formação para a cidadania. Como a pesquisa enfoca a cidade de Baturité, foram realizadas um total de 6 entrevistas com pessoas diretamente ligadas a projetos no município, sendo duas entrevistas com professores, ou instrutores, duas com alunos e duas com pais de alunos. Todos estão aderidos aos dois principais projetos sociais com futebol que existem na cidade de Baturité, o “Programa Segundo Tempo”, de iniciativa do Governo Federal, e a “Escolinha de futebol de Baturité, Cidade da Bola”, projeto independente. Nessas entrevistas tínhamos o objetivo de colher informações e relatos que direcionassem para os entendimentos dos problemas estruturais que esses projetos enfrentam e para a averiguação de seus efeitos em termos de inclusão social e formação para a cidadania no interior do Ceará.

As entrevistas na íntegra estão em anexo.

2.1. Histórico e/ou relato do “programa segundo tempo”

O “Programa Segundo Tempo” tem origem em uma iniciativa do Governo Federal, que através da efetivação de políticas públicas de esporte e lazer do Ministério dos Esportes, tem procurado garantir e ampliar direitos constitucionais através do esporte e conseqüentemente da inclusão social.

Assim, de acordo com o disposto no documento da Política Nacional do Esporte (PNE):

O ministério do esporte estabelece vínculos com um universo composto de crianças, jovens, adolescentes, adultos, idosos, com pessoas com deficiências ou com necessidades educativas especiais, com o sistema esportivo nacional e com o sistema educacional brasileiro que articula a educação básica e superior. A importância desse universo, considerando-se sua complexidade, amplitude e heterogeneidade, demandado Ministério uma responsabilidade social, que deve se concretizar em ações balizadas, rigorosamente, por princípios humanísticos fundamentais, inequivocamente democráticos (BRASIL, 2005).

Então, de acordo com os idealizadores do “Segundo tempo” e seus organizadores, Amauri Aparecido Bássoli de Oliveira e Gianna Lepre Perim, o programa é iniciativa ligada a uma prioridade do Governo Federal e tem por objetivo democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte, de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, entendendo este como fator de formação da cidadania e melhoria da qualidade de vida, predominantemente daqueles que se encontram em áreas de vulnerabilidade social.

Os Núcleos de Esporte Educacional, ou NEE, como são conhecidos, visam ocupar o tempo ocioso de crianças e adolescentes, e oferecem no contra turno escolar (no mínimo três vezes por semana, duas horas por dia em seu modelo padrão) atividades esportivas sobre a orientação de coordenadores e monitores de educação física, assim como atividades complementares sob a orientação de especialistas das temáticas ofertadas.

A PNE considera que o esporte é condição essencial para o desenvolvimento humano, frequentemente negado, principalmente, às camadas sociais de baixa renda.

Reconhecida sua importância no desenvolvimento integral do indivíduo e na formação da cidadania, a garantia de acesso ao esporte, prioritariamente, à população carente e aos marginalizados constitui-se num poderoso instrumento de inclusão social, de favorecimento da sua inserção na sociedade e de ampliação das suas possibilidades futuras (BRASIL, 2005)

Nessa perspectiva, o esporte educacional deve ser compreendido para além de sua forma institucionalizada, ou seja, como toda forma de atividade física que contribua para a aptidão física, o bem-estar mental, a interação, a inclusão social e o exercício da cidadania. Consequentemente assume como elementos indissociáveis de seu propósito pedagógico as atividades de lazer, recreação, práticas esportivas sistemáticas e ou assistemáticas, modalidades esportivas e jogos ou praticas corporais lúdicas da cultura brasileira, de forma a possibilitar ampla vivência e formação humana e de cidadania, sobretudo de crianças e adolescentes.

Os detalhes sobre o Programa Segundo Tempo serão apresentados adiante no momento da análise da entrevista de um de seus coordenadores.

2.2. Histórico e/ou relato sobre o projeto: “escolinha de futebol de baturité, cidade da bola”.

O projeto “Escolinha de Futebol Baturité, Cidade da Bola” adota como pressuposto a ideia de que, através das atividades esportivas, crianças e jovens constroem valores, estruturam seus conceitos, socializam-se e, principalmente, tornam-se aptos à construção de um mundo

melhor e mais pacífico, livre de discriminação e dentro do espírito de compreensão mútua. Os valores que regem o projeto são: fraternidade, solidariedade e a cultura de paz.

A prática esportiva, segundo o projeto, visa estimular novas relações e conexões de comportamento para os jovens, procurando modificar e transformar valores que permitam um convívio equilibrado em sociedade e atenuar sua situação de vulnerabilidade social, reduzindo o tempo de exposição de crianças e adolescentes aos mais diversos riscos de violência física, moral, intelectual e social.

Segundo o idealizador da escolinha, Hermano Jose Matos Luz, o projeto tem como intuito assegurar o acesso à prática esportiva para a comunidade carente, fortalecendo os laços de companheirismo, amizade e aceitação, além de proporcionar conhecimento sobre todos os seus aspectos técnicos e táticos, em igualdade de condições para todos.

Assim, o projeto tem por objetivo geral, incentivar as crianças, adolescentes e jovens a participar de forma salutar das atividades esportivas, escolares e comunitárias, formando cidadãos conscientes dos seus direitos e deveres, assim como, promovendo o acompanhamento e progresso na área escolar, tanto na disciplinar como na pedagógica, valorizando e incentivando a formação acadêmica, desenvolvendo palestras com assuntos relacionados ao combate às drogas, proteção ao meio ambiente, sexualidade, etc.

Enfim, o projeto “Escolinha de Futebol Baturité, Cidade da Bola”, considera que, em tempos atuais, onde a tecnologia e a informatização avançam quase que na velocidade da luz, as formas de relacionamentos interpessoais se apresentam mais simplificadas e cada vez menos reais. O esporte, e mais precisamente o futebol, colabora na formação da personalidade e influencia na organização de estruturas biopsicosociais. Ele tem condições de se tornar um atenuante, e talvez até um antídoto, contra os efeitos do avanço tecnológico ou da falta de acesso a ele. A prática do futebol consegue promover bem estar físico, mental e social em comunidades extremamente carentes de atenção, de oportunidades e excluídas de participação dos resultados

do mundo do conhecimento humano e tecnológico. Só que é preciso dar acesso a essa prática. Para uma criança criada em um contexto onde a ausência de recursos é uma característica marcante, a viabilidade de uma experiência esportiva com objetivos socio-educacionais está muitas vezes distante da sua realidade.

O projeto parte da premissa de que atividades esportivas organizadas e bem implantadas são capazes de dar aos jovens suporte físico e mental, assim como afetivo e social. E isso para pessoas que poderiam nunca ter tido a oportunidade de crescimento que o esporte proporciona. Julgam então que simples atitudes, como ensinar o valor real do ser individual como pessoa, pode ser o fator decisivo para que seja dado o primeiro passo rumo a uma realidade mais humana.

2.3. Avaliação sintética das entrevistas

Como já dito, as entrevistas foram feitas nos dois projetos relacionados acima: “O Programa Segundo Tempo” e a “Escolinha de Futebol de Baturité, Cidade da Bola”. Elas foram aplicadas aos professores Aldenir Rodrigues de Oliveira e Hermano Jose Matos Luz, respectivamente os coordenadores dos projetos. Além dos professores, foram entrevistados dois atletas ou alunos: Ângelo Emanuel Cavalcante e Pedro Lucas Silva Cavalcante de Souza e duas mães de alunos: Joana Darc de Sousa Silva e Daniela Holanda Barbosa. Tomando por base essas entrevistas, chegamos a alguns dados significativos sobre o impacto desses projetos no município de Baturité. Essas informações serão expostas a seguir:

Inicialmente, devemos lembrar que as entrevistas foram feitas com coordenadores de projetos com origens distintas. O primeiro projeto é de iniciativa do Governo Federal, sendo os professores selecionados e remunerados pelo ente público. Ele já existe há seis anos, tendo o monitoramento e acompanhamento da Secretaria de Esportes do Governo do Estado do Ceará.

Já o segundo existe há um ano, desde outubro de 2013, e é de iniciativa privada, movido por interesse pessoal. Segundo o seu idealizador, trata-se de um sonho posto em prática.

Em ambos os projetos, percebemos a participação de um número bem significativo de alunos. Dentro dos projetos eles ficam divididos por categorias e horários. Participam cerca de cem alunos em cada escolinha, que adotam divisões categóricas parecidas com as dos clubes profissionais. Assim, na primeira categoria ficam as crianças de 8, 9 e 10 anos; na segunda, as de 11, 12 e 13 anos; na terceira, as de 14, 15 e 16 anos; e na quarta, as de 17 até 20. Mas nos dois projetos existem variações com relação à faixa etária, pois a partir da avaliação dos treinadores, atletas de uma faixa de idade podem passar a integrar outra.

Para participar de ambas as escolinhas são exigidas a presença dos pais no ato da inscrição e o comprovante de matrícula em escolas regulares (para posterior acompanhamento de frequência, notas e comportamento). O programa “Segundo Tempo” é voltado exclusivamente para crianças da rede pública de ensino, tendo suas atividades no contra turno escolar, ou seja, crianças que estudam pela manhã participam do projeto à tarde e os que estudam à tarde vão para o projeto pela manhã. Já o projeto “Cidade da Bola” não faz distinção entre locais de ensino e suas atividades são aos sábados e domingos.

Os alunos relatam que chegaram aos projetos por iniciativa dos pais e também por influencia de amigos que já participavam. Alegam que a permanência deles nas escolinhas se deve sobretudo ao fato de gostarem muito de futebol e por estarem interessados nos benefícios existentes nos projetos. Para eles, além de conferir possibilidade de treino, o local é um lugar de lazer, diversão e cuidado com a saúde. E com a cobrança dos treinadores em relação às atividades com o futebol, eles verificam também que há uma melhoria no rendimento escolar.

Assim como os alunos ou atletas, os pais e mães mencionam as vantagens de terem seus filhos nos projetos, pois, de acordo com as entrevistas, a frequência na prática esportiva traz

benefícios para a preparação física e na prevenção de problemas de saúde, assim como, gera ocupação, evitando os riscos da marginalidade e do consumo de drogas.

Portanto, segundo as mães entrevistadas são visíveis os ganhos escolares. A partir da entrada nas atividades dos projetos, elas notaram uma significativa melhoria escolar, haja vista, o bom desempenho nas provas e na mudança para melhor, no comportamento em sala de aula. Segundo elas, em casa também eles melhoraram como filhos, pois passaram a ser mais obedientes e responsáveis.

De acordo com os relatos dos treinadores, pais e alunos, os benefícios e as dificuldades são muitos, mas, em termos de benefícios, a melhoria do comportamento dos jovens é evidente. É assim, que o combate ao uso de drogas e à evasão escolar acabam sendo marcas dos projetos. Com relação às dificuldades, os projetos vivem realidades bem diferentes. Verificou-se, com a entrevista de seu coordenador, que o programa “ Segundo Tempo” sofre muito da falta de apoio das famílias dos alunos, que transferem muitas vezes todas as responsabilidades com os jovens para os professores do projeto. Isso, segundo o coordenador, é a principal dificuldade na realização do projeto. Já na escolinha “Cidade da Bola”, temos o relato de que os principais entraves são a falta de ajuda financeira do setor público e a falta de comprometimento por parte da prefeitura local, o que acarreta dificuldades no atendimento de metas. Isso porque há sempre carências no que diz respeito a locais e equipamentos para a prática esportiva.

Os principais objetivos dos dois projetos são retirar crianças e jovens das ruas e da ociosidade, atuando como atividade complementar à escola e, ao mesmo tempo, vislumbrando a possibilidade de revelar algum talento para o futebol local, brasileiro ou internacional. Alguns atletas locais que fizeram parte desses projetos se destacam atualmente em clubes profissionais da capital cearense e em clubes da Europa. Cito exemplos: Edinho, jogador do Fortaleza Esporte Clube, e Anderson, que joga no futebol russo. Outros já estão em categorias de base de clubes de Fortaleza.

Enfim, no andamento dos relatos dos entrevistados é perceptível que existe uma responsabilidade e uma abrangência muito grande na atuação dos projetos. Ambos focam em pessoas em situação de vulnerabilidade social, sujeitas à marginalidade e ao uso de drogas. Nesse sentido, é notória a satisfação dos pais, pois vêem seus filhos desenvolvendo uma atividade essencial para a saúde física e mental, aliada ao desenvolvimento da capacidade de relacionamento social. Também é verificado o prazer e o envolvimento das crianças e adolescentes participantes. Eles demonstram grande satisfação em poderem ser atletas. Coisa que não ocorria caso esses projetos não existissem. Assim, mesmo percebendo as imensas dificuldades existentes na condução dessas atividades, o futebol atua como agente de transformação dessas realidades, proporcionando acesso à cidadania e a inclusão social.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por objetivo fazer uma abordagem concisa sobre inclusão social e cidadania, fazendo um recorte do papel do futebol nesse processo, especificando a cidade Baturité, na região do Maciço de Baturité. A pesquisa tratou da prática do futebol em escolinhas e programas sociais como um facilitador do processo educacional e também como elemento de transformação da realidade de crianças e jovens que enxergam em tal atividade uma forma de cidadania.

No andamento desse estudo, baseado nas teorias, nos materiais pesquisados e no depoimento dos 6 (seis) entrevistados, podemos depreender que a prática de ensinar e aprender futebol em escolinhas é capaz de nos levar a caminhos que vão desde a afirmação como atleta profissional de futebol à uma boa formação pessoal que cria as condições para uma boa formação profissional.

Os projetos dos professores-treinadores Aldenir e Hermano têm participado de competições municipais e regionais, desenvolvendo o espírito de competitividade dentro de um contexto de socialização. Não há resultados específicos baseados no dia a dia da escolinha, já que o andamento do projeto é continuado, ou seja, não existe um parâmetro estabelecido. Assim não há ainda para eles nenhum tipo de mecanismo de auto-avaliação, ou seja, hoje só em termos intuitivos é que o projeto averigua se vem cumprindo satisfatoriamente suas atividades e seus

objetivos, isto é, se vem dando às crianças e adolescentes a oportunidade de inserção e participação social, melhorando sua qualidade de vida, e, por conseguinte, da comunidade. Seus organizadores dizem que sim, mas é preciso que eles sejam capazes de desenvolver dispositivos consistentes de levantamento e análise de dados que permitam fazer afirmações.

Creemos que o presente estudo mostra que o papel das escolinhas de futebol vai além da formação de atleta para uma pretensa profissionalização em clubes do estado, do país ou até mesmo de outros centros de maior poder aquisitivo do mundo do futebol. O papel social das escolas de futebol é o da formação de cidadãos integrados a uma sociedade diversa e repleta de possibilidades profissionais, de acesso ao estudo e uma formação intelectual capaz de promover abertura de caminhos promissores no mundo do trabalho e a uma coletividade solidária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPRARO, André Mendes. Muito além das quatro linhas. Revista de História da Biblioteca Nacional, 76-79, 2013.

FENSTERSEIFER, Alex C. B. Qualidade total em escolinhas de Futebol. Monografia de Especialização. Centro de Educação Física e Desporto. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1993.

MELO, Manoel Luis. A Importância das escolinhas de futebol na formação do jovem atleta em Campina Grande – PB. João Pessoa, Editora Universitária da UFPB, 2009.

OLIVEIRA, Amauri A. Bássoli; PERIM, Gianna Lepre (Organizadores) Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática – Maringá: Eduem, 2009. 301p. : il. (algumas color.).

THEODORO, Mário. As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição / Mário Theodoro (org.), Luciana Jaccoud, Rafael Osório, Sergei Soares. – Brasília: IPEA, 2008

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcidas Organizadas de Futebol/Luiz Henrique de Toledo/ Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996 – Coleção educação física e esportes.

WISNIK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

XIBERRAS, Martine. As Teorias da Exclusão. Epistemologia e Sociedade, n.41. Lisboa: Instituto PIAGET, 1993.

Revistas da UCPEL - título Coesão Social em Robert Castel - revistas.ucpel.tche.br

www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/.../ElaboracaoPesquisaQualitativa.ppt

www.dicionariodoaurelio.com

Projeto “ESCOLINHA DE FUTEBOL BATURITÉ, CIDADE DA BOLA” (Educador físico: Hermano Jose Matos Luz); Baturité, 01/2014

ANEXO A

Entrevista ao professor

Aldenir Rodrigues de Oliveira

Professor de Educação Física

Licenciatura em Educação Física (UVA)

1. O que o levou a criar a escolinha de futebol?

Não houve criação, na realidade, passei num processo seletivo do governo federal para executar o “Segundo Tempo”, ou seja, eu entrei no projeto.

2. Qual o tempo de existência dela?

Aqui em Baturité, existe há 6 anos, e eu comando desde o início. É um projeto monitorado pela secretária de esportes do estado do Ceará, ou seja, temos um acompanhamento mensal via relatórios e frequência de alunos.

3. Quantos participantes? Qual a faixa etária?

São 100 participantes, numa faixa etária de 8 à 17 anos, mas aceitamos a participação de maiores de 17 anos, sendo que não é muito comum acontecer.

4. Quais são os dias de funcionamento, horários e categorias?

Funcionam todos os dias da semana, de segunda a sexta, de manhã e de tarde, sendo que existe De 8 a 12, 13 a 15 e 16 a 17. Pelo fato do projeto ter por objetivo ocupar os participantes no contra turno do horário escolar, quem estuda pela manhã, participa da escolinha a tarde e quem estuda a tarde participa do projeto no período da manhã.

5. Quais são os critérios para participar do projeto? É preciso estar matriculado na escola?

É necessário está matriculado em escola publica e freqüentando, pois existe um acompanhamento de presença e de comportamento e notas. A entrada no projeto está condicionada a presença dos pais ou responsáveis para inscrição.

6. Quais são os benefícios notados e constatados para os participantes do projeto?

Percebe a melhora, pois tenho exemplo de crianças de rua que entraram no projeto que anterior não estudavam e após a inscrição foram matriculados e atualmente estão muito bem, inclusive são obedientes e atenciosos, ou seja, são bons meninos.

7. Quais são as dificuldades encontradas na condução do projeto?

O principal é a falta de apoio da família, pois é comum pais e mães transferirem as responsabilidades de pais para mim, achando que o projeto é responsável pela educação de seus filhos de uma forma geral, mas eles tem q entender que a família é fundamental nesse processo

8. Como o projeto sobrevive financeiramente? Existe cobrança de taxas, financiamento público ou privado?

Bem, o projeto é mantido pelo governo federal, isto é, sou remunerado e não existe cobrança de taxas. A manutenção é totalmente dada pelo governo federal em parceria com o governo do estado e tem os aparelhos esportivos municipais, como local de execução.

9. Quais são os objetivos da escolinha?

Como o próprio nome diz, projeto é “segundo tempo”, pois tem como objetivo ocupar o tempo vago das crianças e adolescentes no contra turno escolar.

10. Algum participante seguiu ou segue a carreira de jogador de futebol?

Tem sim !!! Por coincidência é o meu filho que iniciou no projeto e atualmente encontra-se em São Paulo seguindo a carreira de jogador de futebol, com perspectiva de ir pra outros países a partir do ano de 2015.

11. Para você a escolinha contribui no combate ao uso de drogas e no combate a marginalidade?

Acho que ajuda e muito, mas não tendo a participação dos pais, fica muito difícil. Tenho exemplos de meninos que chegam no projeto e já eram envolvidos com drogas e pequenos crimes e não conseguiram sair dessa rotina, mas em alguns casos, temos êxito. No entanto é fundamental a participação dos pais nesse processo.

12. Para você a escolinha ajuda na inclusão social e na cidadania?

Ajuda muito, pois como falei, temos os exemplos de meninos de rua que entraram no projeto e isso é uma forma de inclusão social e posteriormente a cidadania. Na realidade tenta dar um direcionamento e em alguns casos conseguimos. Boa parte dessas crianças, entram no

projeto precisando de um pai, ou seja, em alguns casos tem pais alcoólatras e a gente acaba, fazendo o papel de pai, psicólogo, orientador...

ANEXO B

Entrevista ao aluno

NOME: Ângelo Emanuel Cavalcante

IDADE: 13 anos

Série: 8º serie do ensino fundamental

Sexo: Masculino

1. Há quanto tempo você participa da escolinha?

Há 3 meses

2. O que o trouxe a treinar na escolinha?

Vim por causa dos meus amigos, pois eles já participavam, então resolvi vir também.

3. Você recebe algum incentivo para participar da escolinha?

Não. Não recebo nada, venho só por gostar mesmo.

4. A sua família (pai ou mãe) lhe incentiva a participar do projeto?

Mim incentivam, pois acham melhor que eu ficar na rua. Minha tia mim incentiva muito pois, ela acha interessante.

5. O que a escolinha traz de bom para a sua vida?

Pra eu aprender muitas coisas, tipo jogar bola, participar de campeonatos. O meu corpo, pois eu passo a ter mais saúde.

ANEXO C

Entrevista aos pais

NOME: Joana Darc de Sousa Silva

1. Como você vê a participação do seu filho na escolinha de futebol?

Acho muito importante, pois ele nasceu com problema de saúde, tinha o pé curvado e foi operado e ele sempre praticou esporte, então não tem quem diga que ele tinha problema nos pés.

2. A participação do seu filho na escolinha ajuda ou atrapalha no desempenho escolar?

Ajuda muito, pois ele participa do projeto pela manhã e ele estuda a tarde. Ele também participa de aulas de violão, mas o que ele gosta mesmo é do futebol. Ele sempre tira notas boas.

3. Você acha que a escolinha pode contribuir no processo educacional do seu filho. Por quê?

Contribui muito, pois quando ele vem pro projeto e passa a ter mais interesse nos estudos, fica mais dispostos. O comportamento dele melhorou muito, pois através das amizades

ele ficou mais sociável. Acredito que a escolinha tem ajudado, pois amenizou a exclusão sofrida por conta do problema nos pés dele.

ANEXO D

Entrevista ao professor

Hermano Jose Matos Luz

Educador Físico

Licenciatura em Educação Física (UVA)

1. - O que o levou a criar a escolinha de futebol?

Um sonho, um desejo, pois como sou ex-atleta do futebol, sempre tive o objetivo de me formar e como já trabalho há muitos anos como funcionário da prefeitura de Baturité e com faculdade de educação física, tive algo que mim impulsionou, então como amante do esporte, veio o interesse de fazer essa escolinha, pois vi muitos companheiros tentando a mesma coisa e nunca ia pra frente, mas eu resolvi fazer uma coisa consistente, então mim formei e resolvi fazer um trabalho nos moldes profissionais.

02 - Qual o tempo de existência dela?

A escolinha foi formalizada desde outubro de 2013, portanto existe há um ano, formalmente, pois já existiam alguns “ensaios” anteriores para existência da mesma.

03 - Quantos participantes? Qual a faixa etária?

O projeto é para 100 alunos, inicialmente. São quatro categorias, seguindo o padrão profissional, ou seja, são meninos de 8, 9 e 10 anos. Tem os de 11, 12 e 13 anos. Também tem os de 14, 15 e 16 anos e finalmente os de 17 até o sub 20. Sempre seguindo o padrão dos clubes profissionais que faço os jogos amistosos, no caso Fortaleza Esporte Clube e o Ceará Sporting Club. Eu entendo Baturité como um celeiro de craques de futebol, temos exemplo do Anderson que foi jogar na Suécia e hoje joga na Rússia. Temos o Edinho, o melhor jogador do Fortaleza e também temos meninos da minha escolinha na nas categorias de base do Próprio Fortaleza E C, no caso o Querginaldo, que tem tudo pra despontar no cenário futebolístico nacional.

4. - Quais são os dias de funcionamento, horários e categorias?

As escolinhas, primeiramente, funcionavam aos sábados e domingos, mas devidos a alguns fatores políticos e de divisão dos horários do estádio municipal, o sábado foi impossibilitado, passando todas as categorias para os domingos pela manhã e futuramente tentaremos outros dias e horários.

05 - Quais são os critérios para participar do projeto? É preciso estar matriculado na escola?

Todos os atletas são inscritos pelos pais ou responsáveis e a pergunta primeira é se o menino está matriculado, pois a entrada na escolinha é feito por responsáveis e eu tenho cobrado um bom aproveitamento dos alunos. Pra mim é fundamental.

06 - Quais são os benefícios notados e constatados para os participantes do projeto?

Um dos grandes benefícios é o combate ao uso de drogas, pois eu tenho quatro alunos que já estavam, comprovadamente, envolvidos com drogas e esse meu trabalho é feito através da confiança dos pais, estamos superando essa problemática. Tenho um caso emblemático de um presidiário que solicitou que, eu levasse o seu filho para escolinha, eu prontamente levei e forneci todo o material, chuteira e coletes e esse menino participa ativamente das atividades da escolinha.

07 - Quais são as dificuldades encontradas na condução do projeto?

É fundamentalmente, a falta apoio do poder público, falta de ajuda financeira, falta de transporte por parte da prefeitura, para os deslocamentos, isto é, falta o básico.

08 - Como o projeto sobrevive financeiramente? Existe cobrança de taxas, financiamento público ou privado?

Todo material, bola, freezer, sucos, pães, lanches... Tudo isso é por minha conta próprio e a ajuda dos parceiros. A parceria existe com comerciantes locais que contribuem com um ajuda de 30 reais, mediante termo de parceria. Esclareço que alunos não pagam. Obviamente,

se algum pai quiser ajudar voluntariamente, aceitamos prontamente. Não tenho ajuda do poder público, ou seja, existe a cessão do estádio, somente.

09 - Quais são os objetivos da escolinha?

Tenho um projeto escrito e tem como finalidade tirar as crianças das ruas, pois nos preocupamos muito com a juventude de Baturité, a questão das drogas e do alcoolismo... Enfim, o objetivo do projeto é a inclusão social e a cidadania...

10 - Algum participante seguiu ou segue a carreira de jogador de futebol?

Já tenho um garoto no Fortaleza E C e já tenho uns cinco ou seis meninos que já podem despontar nos times grandes da capital.

11 - Para você a escolinha contribui no combate ao uso de drogas e no combate a marginalidade?

Contribui muito, pois através do esporte é a saída pra essa garotada, pois é unânime o interesse dos meninos por futebol e é imprescindível aliar futebol e cidadania, assim através do esporte temos a possibilidades de tirar essa juventude dos “maus caminhos”. Sempre mostramos os benefícios para o físico e para mente. Eu acabo recebendo a incumbência, através dos pais para chamar a atenção dos filhos deles, pois eu findo envolvendo o futebol como um mecanismo de transformação social. A exigência na melhoria escolar para participar da escolinha tem mostrado bons frutos. Assim como professor de educação física, trabalho muito a didática na transformação de muitos alunos da escolinha.

12 - Para você a escolinha ajuda na inclusão social e na cidadania?

Tenho boas experiências de alunos que tinham um histórico de reprovações escolares e depois da escolinha, passaram de ano e tão indo bem na escola. Eu tenho ótimas experiências com alunos na situação de vulnerabilidade, pois estamos resgatando vários jovens e fazendo a inclusão social. São bons meninos que, com um trabalho bem feito, disciplina e carinho, chegam a cidadania. É fundamental afirmar que o bom educador não forma só o atleta, forma acima de tudo cidadãos. O foco principal, apesar das dificuldades é a inclusão social e cidadania. Já estamos vendo a escolinha dentro de um projeto mais amplo e com apoio do governo federal e espero ampliar ainda mais esse arco de benefícios para a juventude de nosso município.

ANEXO E

Entrevista ao aluno

Pedro Lucas Silva Cavalcante de Souza

13 anos

8ª Série

Sexo masculino

1- Há quanto tempo você participa da escolinha?

Desde o início deste ano de 2014, portanto há mais ou menos, nove meses.

2. - O que o trouxe a treinar na escolinha?

Fiquei sabendo que o Hermano ia montar a escolinha e como meu pai já o conhecia e ele já me treina na escola, me interessei e me inscrevi, pois gosto muito de futebol.

3. Você recebe algum incentivo para participar da escolinha?

Não, não recebo nada, venho porque eu quero mesmo. Pelo fato de gostar de futebol.

4. A sua família (pai ou mãe) lhe incentiva a participar do projeto?

Sim. Principalmente o meu pai, ele quer que eu participe, ele acha que é bom pra mim.

5. O que a escolinha traz de bom para a sua vida?

Como o Hermano se preocupa em como a gente está se saindo na escola e cobra que a gente estude, tire notas boas, isso acaba sendo bom pra minha vida, porque eu estudo mais e também como gosto muito de futebol eu me divirto muito aqui. A escolinha é um local de muita de diversão, faço o que gosto o tempo todo.

ANEXO F

Entrevista aos pais

Daniela Holanda Barbosa

1 - Como você vê a participação do seu filho na escolinha de futebol?

Estou achando bom porque ocupa o tempo dele e evita que ele faça coisas que o levem para o “mau caminho.”

2 - A participação do seu filho na escolinha ajuda ou atrapalha no desempenho escolar?

Ele é bem desinteressado dos estudos e como ele começou agora na escolinha, é apenas a sua segunda participação, ainda não deu pra perceber se com as aulas de futebol vai haver alguma melhora, mas já percebo alguma melhora no desempenho escolar dele ou pelo menos, percebo uma espécie de obrigação em melhorar no colégio.

3 - Você acha que a escolinha pode contribuir no processo educacional do seu filho. Por quê?

Foi justamente por isso que eu o trouxe pra escolinha, pra ver se ele se interessa tanto pelo futebol como pela escola, porque o Hermano é bem exigente, procura trabalhar com os meninos também essa questão da educação e da escolaridade, do comportamento e assim acredito que ele vai melhorar na escola e tornar-se um pouco mais obediente.